

O novo cenário político no qual S. Piñera regressa a La Moneda

Com mais participação do que na primeira fase, a chapa Chile Vamos consolidou seu triunfo ao vencer Alejandro Guillier por quase dez pontos. Hoje as coisas são diferentes de 2010, especialmente por causa da nova configuração do Congresso: O que acontecerá com a Nova Maioria? Como será reorganizado o Parlamento a partir de março? Que papel desempenhará a DC nos próximos anos? são algumas das questões deixadas por esta nova eleição.

Mais de seiscentos mil votos separaram Sebastián Piñera de Alejandro Guillier. Com 54% dos votos válidos, o candidato de Chile Vamos é eleito presidente do Chile para o período 2018-2022.

Os resultados foram conhecidos no início da manhã. Antes das 19:00 horas, o Serviço Eleitoral entregou projeções irrecorríveis para a Nova Maioria. Alejandro Guillier não conseguiu impor-se nas urnas, apesar de ter levantado em mais de vinte pontos seu voto de primeiro turno. Assim, quando no comando governista o senador de Antofagasta reconheceu publicamente sua derrota, os vencedores celebraram no Hotel Crowne Plaza, onde se encontraram após 16.00 horas no domingo.

Na repartição nacional e com quase todas as mesas de voto contadas, quase dez pontos separaram os candidatos. Região por região a diferença era ainda mais explícita, só em Aysén e Magallanes é que o jornalista conseguiu superar o empresário em uma mesa de votação. Os votos dos chilenos no exterior também deram supremacia a Alejandro Guillier, votos que não foram suficientes para alcançar a esmagadora maioria de Sebastián Piñera, que obteve seus melhores resultados em

Tarapacá, Biobio e La Araucanía, alcançando 62% das preferências neste último.

A abstenção durante toda a campanha presidencial foi um tema obrigatório para todos os aspirantes a presidente. No primeiro turno, apenas 6.700.000 eleitores se aproximaram das urnas, pelo que uma das estratégias do escrutínio foi insistir na convocação para participar na eleição. Principalmente porque nas últimas eleições presidenciais a tendência tinha sido a diminuição da participação política.

A alteração da lei eleitoral foi outro fator de preocupação. Com espaços mais restritos de publicidade e novas regras de financiamento, vários analistas haviam insistido na possibilidade de que os números de abstenção aumentassem, mas a tendência se inverteu: em 17 de dezembro, 6,9 milhões de eleitores se aproximaram das urnas, 250 mil a mais que em 19 de novembro, quase superando a participação do segundo turno de 2006, quando Michelle Bachelet foi eleita presidente pela primeira vez.

Os números fazem de Piñera o presidente mais votado nos segundos turnos em nosso país, também aquele que mais votos obteve desde a presidência de Eduardo Frei (4.040.497 votos), números que, apesar disso, continuam mantendo a taxa de abstenção alta no país. Dos catorze milhões aptos para votar, pouco menos da metade do eleitorado escolheu votar, cerca de 48 por cento do total.

Os cruzamentos dos votos

No Primeiro Turno Presidencial, Sebastián Piñera e José Antonio Kast totalizaram 2.940.429 votos, 792.218 a menos que em 17 de dezembro. Enquanto isso, Alejandro Guillier, somado aos votos de Beatriz Sánchez, Carolina Goic, Marco Enríquez Ominami e Alejandro Navarro (candidatos que apoiaram a carta oficial) totalizaram 3.622.510 votos, 515.316 votos a menos que na primeira eleição.

Diante destes números, surge uma infinidade de perguntas: quantos votos de Carolina Goic foram para Sebastián Piñera, quantos Frente Amplistas realmente votaram em Guillier, quantos votos de Beatriz Sánchez foram para o Chile Vamos, respostas que terão que ser encontradas nos próximos anos, o desafio daqueles que agora se tornam a oposição para reposicionar sua posição política.

Reações ao triunfo

“Podemos nos orgulhar das nossas propostas, mas também devemos ser autocríticos: sofremos uma dura derrota”, disse Alejandro Guillier depois das 19h30. Do hotel San Francisco, escolhido por seu comando para esperar os resultados, o senador de Antofagasta reconheceu a vitória de Sebastián Piñera por seu “triunfo massivo”, prometendo depois ser uma “oposição construtiva” no próximo governo.

Pouco tempo depois, como determina a tradição, a presidente em exercício, Michelle Bachelet, fez o protocolo cumprimentando o presidente eleito. Na conversa telefônica, a presidente parabenizou seu oponente por ter conseguido a primeira maioria nacional.

Mais de dentro, na própria coalizão oficialista, em desânimo começou com as primeiras projeções do Serval. Assim, um dos que reagiu à derrota foi o deputado Gabriel Silber, fazendo uma análise do momento político do conglomerado atualmente no governo. Enquanto Karol Cariola, congressista PC, assumiu internamente a responsabilidade pelo fracasso: “Por nossa falta de unidade hoje ganha uma opção que não representa o Chile”.

Da Frente Ampla, um dos primeiros a comentar sobre a derrota do candidato governista foi Gabriel Boric, apesar de tê-lo apoiado publicamente, criticou a campanha “anti-Piñera” também promovida por alguns membros do jovem conglomerado, assegurando que Guillier “não se comprometeu com as

transformações”.

Na vereda do triunfo, o novo presidente do Chile, Sebastián Piñera, fez seu discurso pouco antes das 21h00. Começou por agradecer a Alejandro Guillier pela competição. Assim, ele mencionou a necessidade de acordos, de colaboração, para construir o Chile: “Temos que falar das estradas que nos unem”, disse à carta oficial. Ele também reconheceu que eles ganharam com mais votos do que eles pensavam que iriam ganhar.

Desde Renovación Nacional, Andrés Allamand insistiu em criticar Alejandro Guillier, assegurando que “sua campanha negativa” era um dos erros centrais da Nova Maioria. “Se nasce como um mandato positivo e poderoso”, disse ele.

O destino da Nova Maioria

Os próximos dias serão fundamentais para a reconfiguração política do Chile, especialmente a antiga Concertação Nova Maioria. Uma das primeiras dúvidas a ser esclarecida será a continuidade do Partido Comunista no bloco, já que em 2012 eles se uniram com o único propósito de ser governo.

O próximo Congresso acrescenta uma quota de incerteza aos próximos quatro anos. Desta vez, e devido ao aumento do número de deputados para 155, são necessários 78 parlamentares para alcançar a maioria, um número que o Chile Vamos não tem (que tem 72), pelo que os acordos serão essenciais, mesmo para obter uma maioria simples, que é o mínimo que um bloco precisa para aprovar reformas no país. Com este enigma, a posição da Democracia Cristã será fundamental. O que fará a Falange durante o próximo governo? Como votarão os seus catorze deputados?

Original: Diario U. de Chile